

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
Curso de Bacharelado em Jornalismo

JÔNATAS ARIEL ARAÚJO

**“O DESAFIO DA VERDADE”: VIDEODOCUMENTÁRIO SOBRE O
JORNALISTA NA LINHA DE FRENTE DA PANDEMIA DE COVID-19 EM
FRANCISCO BELTRÃO**

FRANCISCO BELTRÃO

2022

JÔNATAS ARIEL ARAÚJO

**“O DESAFIO DA VERDADE”: VIDEODOCUMENTÁRIO SOBRE O
JORNALISTA NA LINHA DE FRENTE DA PANDEMIA DE COVID-19
EM FRANCISCO BELTRÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do grau de bacharel em
Jornalismo ao Centro Universitário
Internacional UNINTER.

Orientador: Prof. Dra. Karine Moura
Vieira

FRANCISCO BELTRÃO

2022



Curso de Bacharelado em Jornalismo
Ata de Banca de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso

Aos 26 dias do mês de maio de 2022 realizou-se a banca de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso do estudante Jônatas Ariel Araújo, portador do Registro Uninter 2823158 do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. Na ocasião, o trabalho desenvolvido na fase de defesa na modalidade produto, sob o título "O desafio da verdade": Videodocumentário sobre o jornalista na linha de frente da pandemia de covid-19 em Francisco Beltrão e orientação da professora Dra. Karine Moura Vieira, foi apreciado pelos seguintes membros da banca avaliadora:

Examinadora 1: Dra. Mônica Fort

Examinador 2: Me. Otacílio Vaz

Após a conferência do trabalho e considerando a média das notas atribuídas pelos professores examinadores nas fichas de avaliação, atribuiu-se a seguinte nota: 10

Sendo assim, considerou-se o estudante aprovado.

Assinam os seguintes participantes:

Orientador/a: *Karine Moura Vieira*

Examinador/a 1: *[Assinatura]*

Examinador/a 2: *[Assinatura]*

Estudante: *[Assinatura]*

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao Leandro, Isadora, Rafael, Gil e todos os jornalistas que atuaram durante esta pandemia, muitos deles arcando com o alto preço de suas vidas para que nós, sociedade, fôssemos agraciados com a informação. Jamais poderemos compensar esta dívida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai por toda a dedicação depositada em mim, e por encontrar nele o primeiro escritor e repórter com que tive contato em minha vida, a quem devo minha inspiração e força. À minha esposa, por todo seu apoio incondicional nesta caminhada. À minha mãe e meu irmão, por acreditarem em meus objetivos. Aos meus professores, em especial a Professora Karine Moura Vieira, minha orientadora.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso analisa a atuação jornalística durante a pandemia da Covid-19 em Francisco Beltrão por meio de um videodocumentário, visando compreender os desgastes emocionais e físicos do profissional diante da pandemia e da luta diante de uma crescente onda de desinformação. Para alcançar este objetivo, foram realizadas entrevistas com quatro profissionais jornalistas, Leandro Czerniaski, Isadora Stentzler, Rafael Júnior e Gil Veiga. Estes profissionais atuaram diretamente na linha de frente da pandemia, e presenciaram as principais mudanças ocorridas dentro da redação e da própria sociedade beltronense. Observou-se uma lacuna na esfera regional que transmita ao receptor a mensagem sobre a importância do profissional jornalista, e do jornalismo em si, em períodos de crise sanitária e política, demonstrando, por meio desses relatos, a polivalência desses profissionais para levar informação à sociedade. Há também a necessidade de demonstrar ao receptor, como medida educativa, os danos de uma sociedade desinformada, ou pior, usada como manobra político-ideológica, conscientizando-os, assim, sobre os riscos de *fake news*, reforçando o jornalismo como ferramenta de combate. Os principais teóricos consultados neste trabalho foram Manuela Penafria (1999), Bill Nichols (2010), André Luiz Delgado Corradini (2019) e Fernão Pessoa Ramos (2008).

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Francisco Beltrão; Videodocumentário; Pandemia; *Fake News*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 METODOLOGIA.....	12
3 O VIDEODOCUMENTÁRIO.....	15
3.1 O QUE É O VIDEODOCUMENTÁRIO.....	15
3.2 LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E DOCUMENTAL.....	18
3.3 TIPOS DE VIDEODOCUMENTÁRIO.....	20
4 JORNALISMO E PANDEMIA	22
4.1 JORNALISMO E <i>FAKE NEWS</i>	23
5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	26
5.1 FORMATO.....	27
5.2 PRODUÇÃO.....	29
5.3 ROTEIRO.....	30
5.4 PÓS-PRODUÇÃO.....	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	34
ANEXO A – QUESTIONÁRIO PARA OS JORNALISTAS.....	36
ANEXO B – LINHA DO TEMPO DA PANDEMIA.....	38
ANEXO C – PRÉ-ROTEIRO.....	40
ANEXO D – ROTEIRO FINAL.....	42

1 INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019 era registrado, em Wuhan, na China, o primeiro caso de Covid-19. Apresentado como uma evolução do Sars-CoV-1¹, registrado em 2003, foi tipificado como um vírus altamente contagioso². Em poucos meses a doença havia se espalhado para diversas regiões do planeta, deixando o mundo refém de uma nova pandemia. No dia 26 de fevereiro de 2020 registra-se o primeiro caso do novo vírus no Brasil³; e em 30 de março de 2020, o primeiro caso em Francisco Beltrão, Paraná. Assim como em outras partes do mundo afetadas pela doença, a chegada da pandemia causou uma alteração drástica no modo de vida e no cotidiano da sociedade beltronense, fazendo com que fosse necessário readaptar modelos de trabalho, educação, religião, entre várias outras convenções sociais. De acordo com matéria publicada pelo Jornal de Beltrão no dia 7 de agosto de 2021, foram registrados 16.197 casos e 272 óbitos no município⁴. O boletim epidemiológico final, publicado pela Secretaria de Saúde de Francisco Beltrão em 25 de março de 2022, contabilizava 30.632 casos e 302 óbitos. Uma pesquisa realizada pelo IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, apontou que 11%, ou 8,2 milhões de pessoas, tiveram seus trabalhos alterados para o modelo *Home Office*⁵. De acordo com os dados da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), a busca pelo modelo de ensino a distância teve um aumento de 30% em cursos de educação superior. Por outro lado, um estudo realizado pela CETIC.BR⁶ e publicada em 26 de maio de 2020, apontou que um a cada quatro brasileiros não usa a internet; cerca de 20 milhões de lares no país não possuem acesso à internet; apenas 33% realizam trabalhos online; e houve uma significativa redução de computadores

¹ Tipo de coronavírus identificado na China. Fonte: Instituto Butantan.

² FREITAS, Keilla. Por que o Novo Coronavírus é Mais Contagioso que a Versão Anterior do Vírus? Disponível em: <https://www.drakeillafreitas.com.br/por-que-o-novo-coronavirus-e-mais-contagioso-que-a-versao-anterior-do-virus/>. Acesso em: 04 nov. 2021

³ UNA-SUS. Coronavírus: Brasil confirma primeiro caso da doença. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>. Acesso em: 03 nov. 2021.

⁴ JORNAL DE BELTRÃO. Beltrão registra primeiro caso de coronavírus. Disponível em: <https://www.jornaldebeltroao.com.br/noticia/295224/beltrao-registra-primeiro-caso-de-coronavirus>. Acesso em 03 nov. 2021.

⁵ Modalidade de trabalho à distância, onde o colaborador trabalha de sua própria casa.

⁶ Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação.

em lares mais pobres, evidenciando uma desigualdade social. Desta maneira, as classes mais baixas e famílias em situação de vulnerabilidade, com a evidente falta de recursos, pouco puderam fazer a respeito das mudanças drásticas que foram impostas pela pandemia em atividades remotas. O profissional jornalista, assim como ocorreu em diversos outros segmentos, precisou expor-se aos riscos de contágio para continuar exercendo a função de informar a sociedade, buscando ser uma fonte segura e sólida de informação frente a *fake news*⁷. No intuito em demonstrar as dificuldades enfrentadas no cotidiano do profissional jornalista e sensibilizar o olhar da sociedade, evidenciando a importância do jornalismo, o videodocumentário “O Desafio da Verdade”⁸ buscou relatar o trabalho jornalístico durante a pandemia da *Covid-19* em Francisco Beltrão, enfatizando todas as mudanças impostas aos profissionais, as dificuldades encontradas na apuração e na produção da notícia e os enfrentamentos político-ideológicos que tentaram desacreditar o próprio jornalismo. Há, também, de se demonstrar, como proposto por Porcello e Brites (2018), que o jornalismo tem adquirido força em meio à guerra de informação, consolidando-se de maneira ainda mais evidente como uma fonte segura para a sociedade. Na pesquisa de mercado feita para compreender a lacuna que este trabalho preencherá, encontrou-se os videodocumentários *Cercados – A imprensa contra o negacionismo*⁹, dirigido por Caio Cavechini e lançado em dezembro de 2020; *O Front – Jornalistas em meio à pandemia*¹⁰, produzido por Murilo de Souza Caldas Fagundes como trabalho de conclusão de curso de Comunicação Social pela Universidade de Brasília em 2020; e *Jornalistas de TV em Pandemia*¹¹, produzido pela UDI Produções como trabalho de conclusão de curso pela Universidade Salgado de Oliveira, campus Niterói, em 2020. Apesar de, naturalmente, já ser um tema explorado como videodocumentário, visto que a pandemia foi um advento extraordinário tanto para a sociedade quanto para o próprio jornalismo, os trabalhos desenvolvidos são feitos através de uma abordagem abrangente e nacional. A intenção deste produto é fazer um recorte

⁷ Notícias falsas.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6jgANVsl2qI>

⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9064966/>

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GLqNVPhG2Vo>

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jcHbxlNiNpg&t=287s>

regional, observando a situação em Francisco Beltrão, no sudoeste paranaense.

O objetivo geral deste trabalho é a produção de um videodocumentário jornalístico sobre o papel do jornalismo profissional como uma fonte segura de informação em meio a uma crise sanitária e a crescente onda de falsas notícias que são veiculadas diariamente por meio das redes sociais. Este trabalho tem como objetivos específicos: mostrar a cobertura jornalística regional em Francisco Beltrão no contexto da pandemia de Covid-19; demonstrar o desgaste do profissional jornalista durante este período pandêmico, e seu esforço em continuar exercendo sua profissão, mesmo sob o risco sanitário; compreender a depreciação do jornalismo perante a sociedade. Para tanto, foi realizada uma pesquisa entre novembro de 2019 a agosto de 2021 das notícias veiculadas pelo Jornal de Beltrão, Rede Massa de Comunicação, TV Sudoeste, G1, Folha de São Paulo, entre outros, para estabelecer uma linha do tempo da pandemia em Francisco Beltrão, elencando os principais aspectos das mudanças sociais e sanitárias do município, além da própria mudança da rotina jornalística e os desafios encontrados pelos profissionais para levar informação à sociedade durante este período. Um pré-roteiro foi criado para que a coleta de informações e imagem ocorressem de forma organizada e otimizada. Foi realizado a entrevista com os jornalistas Leandro Czerniaski, Isadora Stentzler, Gil Veiga e Rafael Júnior entre os dias 18 e 30 de março. A escolha destes profissionais se deu pela predisposição em ceder as entrevistas para este videodocumentário e pelo reconhecido trabalho de campo que desenvolveram durante a cobertura da pandemia enquanto jornalistas. Cada entrevista teve a duração média de 50 minutos, onde foram preestabelecidas 32 perguntas para serem realizadas aos entrevistados. No entanto, cada entrevista teve um andamento específico, sendo necessário, em alguns momentos, não realizar determinada pergunta ou readequá-la para o entrevistado em questão, a fim de otimizar a objetividade e coleta de informações. A decupagem deste material se deu entre os dias 2 e 8 de abril, sendo realizada a transcrição de todas as entrevistas para que fosse possível observar melhor a resposta de cada jornalista e, desta forma, obter maior controle sobre o roteiro de montagem e edição.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental sobre as alterações nas rotinas diárias do jornalismo durante a pandemia e os impactos

da *fake news* e o fenômeno da pós-verdade na sociedade contemporânea.

Este trabalho foi organizado em cinco capítulos. A seguir, no segundo capítulo, será abordada a metodologia referente à base teórica e estudos que foram utilizados para o desenvolvimento do trabalho na coleta de informações e dados. O terceiro capítulo tratará a discussão teórica sobre o videodocumentário, seus conceitos, formatos e em como a linguagem cinematográfica pode ser utilizada junto ao jornalismo para conduzir o receptor à mensagem pretendida. O quarto capítulo abordará a saúde do jornalista durante a pandemia, bem como a atuação frente ao crescente índice de desinformação. O quinto e último capítulo apresentará o trabalho de produção de um videodocumentário e a importância social que se pretende alcançar com esta linguagem e este tema.

2 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho se deu em três etapas. A primeira através do método de pesquisa bibliográfica, a fim de identificar os materiais teóricos que já abordaram a relevância do videodocumentário como produto jornalístico; a atuação e a relevância do jornalismo durante a pandemia da *Covid-19*, além de demonstrar os desafios no enfrentamento à desinformação neste mesmo período; os desgastes emocionais e físicos do profissional jornalista durante este período pandêmico. Segundo Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de matérias que já foram publicadas anteriormente, tendo como fonte basilar os livros e artigos científicos que já fizeram a abordagem dos temas.

Para Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é o material que já recebeu o tratamento analítico ou científico, dentre eles, “os livros constituem as fontes bibliográficas por excelência” (GIL, 2002, p. 44). Mas a pesquisa bibliográfica também tem como fonte os periódicos, revistas e artigos acadêmicos, que também já passaram pelo crivo científico e serão aqui analisados com o objetivo de remontar a base de dados teórica sobre o tema. Segundo Gil (2002), publicações periódicas, como em jornais e revistas “representam nos tempos atuais uma das mais importantes fontes bibliográficas.” (Gil, 2002, p. 45).

Para Andrade (2010), a pesquisa bibliográfica é fundamental para a pesquisa acadêmica e deve ser a primeira a dar andamento na pesquisa. Ela antecede a própria pesquisa de campo, e visa nortear o pesquisador a partir de obras já existentes dentro do tema que se pretende abordar. Por isso, é requisito obrigatório e indispensável.

Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. (ANDRADE, 2010, p. 25).

Em segundo, a pesquisa documental, como explicada por Gil (2010), assemelha-se com a pesquisa bibliográfica. Sua principal característica é a abordagem de materiais que não receberam o tratamento analítico, o que autor chama de “documentos de primeira mão”.

Documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos

políticos etc. Incluem-se aqui inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins etc. (GIL, 2010, p. 46).

Neste sentido, a pesquisa foi realizada em diversos materiais desenvolvidos durante o período pandêmico e que buscaram compreender os fenômenos comportamentais, sociais, comunicacionais e políticos que afetaram a vida da sociedade de modo geral. Buscou-se a referência em documentos oficiais da Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão, analisando decretos e medidas que foram tomadas para adaptar à sociedade a esta crise sanitária, além do próprio avanço do vírus no município através do controle da Secretaria Municipal de Saúde por meio dos boletins epidemiológicos. Com isto, pretendeu-se analisar os efeitos colaterais causados na economia, saúde e bem-estar da população. O trabalho da imprensa local também foi objeto de análise e suporte para remontar todo o histórico da Covid-19 em Francisco Beltrão. Também foram analisados os videodocumentários que abordaram o tema neste período, uma vez que a linguagem cinematográfica e jornalística teve grande influência na abordagem deste trabalho.

O método qualitativo, a partir da entrevista em profundidade, também foi basilar para o diálogo com as fontes que vivenciaram este período como profissionais jornalistas. Para Duarte (2008), esta metodologia permite ao pesquisador o aprofundar no tema a partir da percepção e experiência de cada entrevistado. Entretanto, Duarte (2008) afirma que esta análise deve ir muito além das respostas proferidas pelo entrevistado, o pesquisador precisa estar atento aos detalhes que cercam a própria cena da entrevista, o ambiente, os movimentos do entrevistado, seus gestos e trejeitos, uma percepção apurada de toda a linguagem exprimida durante o processo.

A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações de se deseja conhecer. (DUARTE, 2008, p. 62).

Para este modelo, o autor também norteia algumas características presentes na entrevista em profundidade, como uma questão central ou roteirizada, entrevistas abertas ou semiabertas e questões não estruturadas ou

semiestruturadas. Para entrevistas abertas, Duarte (2008) define como método um tema que não possua uma sequência pré-definida, deixando, desta maneira, o entrevistado mais livre para discorrer sobre o que lhe foi proposto. Apesar desta liberdade, Duarte (2008) afirma que é necessário maior atenção e foco por parte do entrevistador, para que a flexibilidade proposta não torne o diálogo improdutivo ou irrelevante.

Para entrevistas semiabertas, Duarte (2008) estabelece como critério um questionário elaborado pelo entrevistador, norteado por um roteiro adequado. Há também certa flexibilidade por parte do entrevistador, que precisará estar atento caso o entrevistado entre em determinado tema naturalmente, não sendo necessário repetir a questão já abordada.

A lista de questões-chave pode ser adaptada e alterada no decorrer das entrevistas. Uma questão pode ser dividida em duas e outras duas podem ser reunidas em uma só, por exemplo" (DUARTE, 2008, p.66).

A aplicação desta metodologia se deu em entrevistas que foram realizadas individualmente com cada profissional jornalista no objetivo de compreender as principais alterações no seu cotidiano durante a pandemia. Com isso, foi possível atingir um maior controle na condução da entrevista, além de permitir a cada entrevistado relatar sua experiência profissional e pessoal com maior liberdade. Neste aspecto, optou-se pelo modelo de questionário semiaberto na realização das entrevistas, estabelecendo um roteiro que foi necessário para nortear historicamente todos os acontecimentos.

3 O VIDEODOCUMENTÁRIO

Apesar da essência e a história do videodocumentário serem constantemente ligadas ao cinema; assim como a origem embrionária do cinema estar associada ao nascimento do videodocumentário, não é correto afirmar que há coincidência em suas origens. Para Penafria (1999, p. 38), muito embora o documentário faça uso de vários recursos que hoje são atribuídos à linguagem cinematográfica, o documentário não nasceu com o cinema:

O que nasceu com cinema foi o princípio de toda a não-ficção: filmar os actores naturais, a espontaneidade do seu gesto e o meio ambiente que os ou nos rodeia. A não-ficção coincide, pois, com a invenção da imagem em movimento. (PENAFRIA, 1999, p. 38).

Neste sentido, o próprio cinema nasce através da captação de imagens que documentavam a ação cotidiana da sociedade, sem qualquer intenção ficcional ou roteirizada. Penafria (1999) afirma que o que define e individualiza o videodocumentário só pode ser encontrado através do seu fundamento histórico.

Dada a proliferação e diversidade das definições de documentários que revela produções não menos diversas, entendo que o que individualiza o documentário só pode ser encontrado na sua história, naquilo que ele foi até hoje. É necessário encontrar-lhe um fundamento histórico. (PENAFRIA, 1999, p. 34).

Para Penafria (1999), um dos fatores característicos e determinantes para um documentário é o registro das imagens *in loco*, além da visão e criatividade do documentarista. A autora ainda destaca que o videodocumentário possui a capacidade de assumir uma importância social como ferramenta de educação pública que, através da imagem, seja capaz de conduzir o receptor ao problema, solução e, ocasionalmente, demonstre a possibilidade de enfrentar este problema a fim de superá-lo.

3.1 O QUE É O VIDEODOCUMENTÁRIO?

No final do século XIX e início do século XX, as definições e linguagens do videodocumentário e do cinema, ainda em seus primórdios, eram desconhecidas

até mesmo pelos seus idealizadores. O objetivo inicial das filmagens era apenas registrar o cotidiano, seja humano ou animal. Os autores, ainda vislumbrados com a capacidade de gerar imagens, estavam focados apenas na mera reprodução, o que mais tarde gerou descontentamento por parte de um público que começou a exigir o desenvolvimento de narrativas mais complexas e elaboradas. (Penafria, 1999).

O contributo dos pioneiros das imagens em movimento para a unidade do filme documentário foi mostrar a capacidade do aparelho de dar a ver o mundo, seja aquele que temos acesso pelos nossos sentidos, seja aquele que nos é distante, seja aquele que está ao nosso lado e que, por qualquer dificuldade, não vemos. (PENAFRIA, 1999, p. 38).

Para Ramos (2013), o documentário é uma narrativa que faz uso do que o autor chama de imagens-câmera para estabelecer uma determinada afirmação sobre o mundo, onde também é necessário um receptor para receber esta narrativa. Para o autor, a singularidade da narrativa do videodocumentário é construída através da natureza das imagens-câmera, das tomadas e em meio a proposições escritas ou faladas.

Se a narrativa ficcional se utiliza basicamente de atores para encarnar personagens, a narrativa documentária prefere trabalhar os próprios corpos que encarnam as personalidades no mundo, ou utiliza-se de pessoas que experimentaram de modo próximo o universo mostrado. (RAMOS, 2008, p. 26).

Nichols (2010) entende que a definição de videodocumentário pode ser muito ampla, e sua simplificação apenas por um termo definido pelo dicionário não é a maneira correta para compreendê-lo.

Assim como amor adquire significado em comparação com indiferença ou ódio, e cultura adquire significado quando contrastada com barbárie ou caos, o documentário define-se pelo contraste com filme de ficção ou filme experimental e de vanguarda. (Nichols, 2010, p. 47).

O autor afirma que o documentário não é uma reprodução fidedigna da realidade que constrói réplicas a partir de algo já existente, e sim uma reprodução do mundo em que vivemos, uma representação da realidade com a liberdade e a visão do autor. Por esta perspectiva, mesmo que o documentário aborde aspectos

que nos sejam familiares, ele poderá representar uma visão de mundo com a qual, possivelmente, jamais tenhamos tido o contato.

Julgamos uma reprodução por sua fidelidade ao original – sua capacidade de se parecer com o original, de atuar como ele e de servir aos mesmos propósitos. Julgamos uma representação mais pela natureza do prazer que ela proporciona, pelo valor das ideias ou do conhecimento que oferece e pela qualidade da orientação ou da direção do tom ou do ponto de vista que instila. Esperamos mais da representação que da reprodução. (NICHOLS, 2010, p. 47).

Nichols (2010) defende três aspectos com os quais acredita que o documentário é desenvolvido através da representação da realidade, e não da mera reprodução. O primeiro aspecto apontado pelo autor destaca que o documentário nos oferece uma representação do mundo reconhecível através das próprias imagens e áudios que registram com fidelidade as situações e acontecimentos que poderíamos ver por nossos olhos. Ele afirma que essa característica entregue pelo documentário, de aproximar o receptor da realidade que conhece e é palpável a este, amplia a crença no que está sendo transmitido nas imagens.

O autor acredita que, através de argumentos, evocações, histórias e descrições, os documentários são capazes de nos fazer observar uma realidade de mundo sob um ponto de vista diferente. Ressalta também que, apesar de as imagens não conseguirem narrar todo o fato ocorrido ao receptor da informação e serem passíveis de adulteração, tanto durante fato quando na pós-produção, “esse poder extraordinário da imagem fotográfica não pode ser subestimado”. (NICHOLS, 2010, p. 28).

A capacidade da imagem fotográfica de reproduzir a aparência do que está diante da câmera nos compele a acreditar que a imagem seja a própria realidade reapresentada diante de nós, ao mesmo tempo em que a história, ou o argumento, apresenta uma maneira distinta de observar essa realidade. (NICHOLS, 2010, p. 28).

O segundo aspecto apontado por Nichols (2010) é a capacidade que o videodocumentário e o documentarista possuem como papel de representar os interesses dentro da própria sociedade, assim como é estabelecido pela própria democracia representativa. Para o autor, o documentarista passa a representar

como o eleito dentro de uma democracia e o responsável por representar os interesses deste público, falando em favor dos interesses deste público por meio de sua obra documental.

Por fim, Nichols (2010) aponta o terceiro aspecto, que está na capacidade em que o documentário possui ao “representar o mundo da mesma forma que um advogado representa os interesses de um cliente” (NICHOLS, 2010, p.30). Para o autor, o documentário visa apresentar um determinado ponto de vista e interpretações das provas com intuito de apresentar e convencer o receptor da mensagem.

Os documentários não defendem simplesmente os outros, representando-os de maneiras que eles próprios não poderiam; os documentários intervêm mais ativamente, afirmam qual é a natureza de um assunto, para conquistar consentimento ou influenciar opiniões. (NICHOLS, 2010, p. 30)

Todos esses aspectos apontados por Nichols (2010) demonstram a capacidade em que o videodocumentário possui em transmitir uma visão de mundo que argumente e advogue acerca de realidade que, embora familiar, possivelmente seja desconhecida por este público-alvo. O ponto de vista do autor se torna fundamental para que exista o diálogo entre o receptor, e permite a construção de uma visão que vá além da mera reprodução de uma realidade.

3.2 LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E DOCUMENTAL

Um dos principais objetivos de um filme é utilizar a linguagem cinematográfica para alcançar o seu público-alvo, criando uma identificação para envolver o receptor desta mensagem. Corradini (2019) explica que esta linguagem cinematográfica é semelhante à linguagem que utilizamos para nos comunicar. No cinema, tratando-se de uma narrativa ficcional, isso se dá através de recursos visuais, sonoros e técnicos para dialogar com este receptor. Para o autor, a linguagem vai muito além dos meios tradicionais, como a fala e a escrita, está em cada nuance que pode ser explorada em cores, movimentos de câmera, trilha sonora, edição e finalização.

A captura e o tratamento da imagem também são fatores muito relevantes para esta linguagem, e não devem ser feitos de qualquer maneira. Corradini (2019)

afirma que cada passo deve estar fundamentado em um planejamento basilar que guiará todo o projeto. O autor explica que a captura das imagens deve ir além do uso aleatório e desordenado do equipamento, sendo necessário estudar o público receptor para compreender até mesmo como este produto deverá ser transmitido.

Para o videodocumentário, no entanto, existem certos critérios que são necessários e diferem da forma como é feita a abordagem da linguagem cinematográfica ficcional. Como produto documental, a maior característica do videodocumentário, apesar de fazer uso de diversas técnicas cinematográficas, é apresentar e manter o fato que está ocorrendo sem alterá-lo, para que esta mensagem chegue ao receptor de forma íntegra.

Mas, assim como no próprio jornalismo, a imparcialidade na linguagem documental é um fator delicado, uma vez que cada autor trará consigo, indissociavelmente, suas crenças, ideologias, costumes, culturas, formas de enxergar o mundo e suas realidades. Para Penafria (2001), já há interferência na realidade a partir do momento em que o autor decide fazer o documentário, pois este exercerá sua observação acerca de um determinado tema, tornando impossível ser mera representação da realidade.

Corradini (2019) consolida este pensamento afirmando que, apesar de existir o empasse pela busca de um documentário sem nenhuma interferência, a própria escolha em fazê-lo já é uma interferência. Para o autor, o cinegrafista, fotógrafo ou até mesmo a abordagem das entrevistas são interferências nesta realidade.

Nichols (2010) classifica dois tipos de filmes: documentários de satisfação e desejo e documentários de representação social. Para o autor, todo filme, em si, é um documentário, ambos com capacidade para contar histórias. O que define a natureza de cada um são as narrativas usadas.

Filmes documentários de satisfação e desejo, como define o autor, são conhecidos pela identidade ficcional, que visam reproduzir “nossos desejos e sonhos, nossos pesadelos e terrores” (NICHOLS, 2010, p. 26). Apesar desta capacidade ficcional, são filmes que também podem explorar vieses e idealizações, expressar o real ou o palpável, e que tenta nos entregar uma visão de mundo desconhecido ou meramente contemplativa.

Expressam aquilo que desejamos, ou tememos, que a realidade seja ou possa vir a ser. Tais filmes transmitem verdades, se assim quisermos. São filmes cujas verdades, cujas ideias e pontos de vista podemos adotar como nossos ou rejeitar. Oferecem-nos mundos a serem explorados e contemplados; ou podemos simplesmente nos deliciar com o prazer de passar do mundo que nos cerca para esses outros mundos de possibilidades infinitas. (NICHOLS, 2010, p. 26).

Filmes documentários de representação social, por outro lado, são os que o autor define como não ficcionais, apresentados em um formato que nos entrega uma realidade palpável e familiar, uma veracidade social a partir do ponto de vista do autor que o produz. Assim, permite ao receptor a possibilidade de avaliar o que está sendo afirmado, dando-o liberdade para acreditar ou não em tais afirmações.

Como histórias que são, ambos os tipos de filme pedem que os interpretemos. Como 'histórias verdadeiras' que são, pedem que acreditemos neles. A interpretação é uma questão de compreender como a forma ou organização do filme transmite significados e valores. A crença depende de como reagimos a esses significados e valores. Podemos acreditar nas verdades das ficções, assim como nas das não ficções. (NICHOLS, 2010, p. 27).

O autor acredita que ambos os formatos visam conduzir o receptor a uma visão distinta de realidade. O documentário, através da eloquência, utiliza o que ele define como recursos estéticos e sociais para conduzir o público-alvo a uma determinada crença. Acima de recursos estéticos e cinematográficos, Nichols (2010) entende a força do documentário como uma capacidade de nos entregar questões atuais e sociais relevantes sob uma ótica que ainda não nos pertencia.

3.3 TIPOS DE VIDEODOCUMENTÁRIO

Para o filme documentário, assim como no filme ficcional, existem subgêneros que auxiliam a direção adequada para cada proposta, considerando as características do autor e sua obra e evidenciando a originalidade e particularidade de ambos. Nichols (2010) identifica seis modelos representativos com os quais o documentário pode ser construído: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. Apesar de nortear a obra, Nichols (2010) afirma que este não é um limitador, e que cada documentário pode conter mais de um desses

modelos para complementá-la, dando margem de liberdade para o autor que a conduz. Este caminho dependerá da própria intenção do videodocumentário e onde pretende-se chegar.

O poético é caracterizado pela representação da realidade, abre mão da construção linear e temporal e busca flexibilizar a ideia de mundo. Não tem por objetivo enfatizar o desenvolvimento retórico e a sugestão de uma realidade convicta, tampouco busca induzir o receptor a uma ideia exata. Para Nichols (2010) “Os documentários poéticos, no entanto, retiram do mundo histórico sua matéria-prima, mas transformam-na de maneiras diferentes” (NICHOLS, 2010, p. 140).

O expositivo, por sua vez, é mais familiarizado ao público, pois sua linguagem é geralmente usual e fortemente explorada em documentários televisivos. Para Nichols (2010), a principal característica deste subgênero é o narrador em *off*, do que nomeia como a “voz de Deus”, e que dialoga diretamente com o receptor a sua abordagem retórica é mais forte e busca argumentar e evidenciar os eventos transmitidos nas imagens.

O observativo tem por objetivo não interferir na realidade a qual está inserido. É caracterizado por sua descrição no ambiente, fazendo uso de câmeras discretas que não influencie ou distorça a realidade que é observada. A intenção é colocar o receptor no local registrado, como se ali, de fato, estivesse.

O participativo evidencia a presença do cineasta que produz o produto, que impõe seu ponto de vista no tom do videodocumentário, conduzindo diretamente o receptor. Em grande maioria, o entrevistador é o cineasta.

No reflexivo, os mecanismos da filmagem ficam evidentes ao receptor, que agora passa a acompanhar a relação entre o documentarista e os atores sociais que foram retratados no documentário. “Os participantes, os personagens, emitem suas opiniões. Pode haver uma intenção entre os participantes problematizando o trabalho” (CORRADINI, 2019, p. 178).

Por fim, o subgênero performático evidencia a linguagem subjetiva do documentarista, uma linguagem que transita sobre o real e o irreal, colocando em questão o debate sobre o que é o próprio conhecimento. Para Corradini (2019), essa linguagem, muitas vezes traz uma abordagem autobiográfica.

4 JORNALISMO E PANDEMIA

Figaro et al. (2020) afirmam que a transformação no cotidiano das redações jornalísticas evidencia a fragilidade que já existia antes mesmo da pandemia. Apesar do afastamento social e o *home office* terem sido aderidos por diversos setores como medida no combate ao vírus, o jornalismo, tido como uma profissão essencial e de extrema importância como fonte de informação segura à sociedade, manteve-se ativo durante todo o período, impossibilitando que a maioria dos profissionais fizessem suas atividades remotamente. Para Figaro et al. (2020), o fato de a profissão buscar informação assertiva exige do comunicador, por vezes, a apuração do fato *in loco*, na cobrança pela informação qualificada e constante. Figaro et al. (2020) também apontam que a intensidade causada pelas redes sociais trouxe danos às rotinas jornalísticas, fazendo com que a notícia e as mídias tradicionais ficassem dependentes da visibilidade nessas plataformas.

Entre os fatores que a pesquisa evidencia, a falta de estrutura na urgência do trabalho remoto para os que precisaram se adaptar foi um fator que precarizou o trabalho do jornalista e o impediu, ou dificultou, de realizar com maestria a busca pela informação.

A situação de emergência em prol da saúde coletiva passou a justificar, desse modo, a forma improvisada que muitos tiveram de assumir do trabalho em casa. O imprevisto é de toda ordem: equipamentos inadequados, falta de softwares, falta de apoio técnico, falta de uma rotina organizada que se precisa inventar, inadequação de móveis e local não ergonômicos, lugar/espço/ambiente inadequado, porque sobreposto à ambiência que pertence ao espaço privado da casa, do lar. (FIGARO et al., 2020, p. 19).

Para os autores, o distanciamento social também foi um fator que prejudicou o trabalho coletivo que existe e é necessário no ambiente das redações jornalísticas, e que dependem de processos e compartilhamentos no cotidiano.

Além das mudanças na rotina do profissional, os medos e incertezas causados pela pandemia também refletiram diretamente sobre a rotina de trabalho do jornalista. Entre os temores mais evidentes, a pesquisa apontou o contágio da doença, desemprego, agravamento da crise sanitária e social, morte e perda de renda. Figaro et al. (2020) afirmam que a gravidade da doença coopera para que

surjam, entre os profissionais, temores e medos secundários que são oriundos da própria crise estabelecida, assim como as inseguranças governamentais e políticas instaladas ao longo da pandemia.

O medo do agravamento da crise sanitária e social. Nesse quesito, estão incluídos os temores mais coletivos, relativos à ineficácia das políticas de enfrentamento da pandemia em âmbitos locais e o temor de que as medidas adotadas pelo Governo Federal não colaborem para a melhoria das condições e sim agudizem o quadro geral da pandemia no Brasil. (FIGARO et al., 2020, p. 31).

Um levantamento realizado pelo Departamento de Saúde da FENAJ, publicado em abril de 2021, apurou que o Brasil é o país com maior número de jornalistas vitimados pela Covid-19, com uma média de 28,6 mortes por mês desde o início da pandemia. (FENAJ, 2021).

4.1 JORNALISMO E *FAKE NEWS*

Por outro lado, apesar do aumento na insegurança no exercício da profissão, Figaro et al. (2020) enfatizam que o sentimento de relevância entre os profissionais jornalistas evidenciou a preocupação com o coletivo, à sociedade, o combate às *Fake News* e à entrega pela informação qualificada. A agilidade necessária para apurar a informação, com segurança e assertividade, exige um profissional capacitado e treinado para fazê-la através da “seleção, atualização, síntese, rapidez, qualidade e serviço ao público” (FIGARO, 2020, p. 29).

Trata-se não de uma vã corrida para alcançar uma determinada audiência, mas a notícia nas mãos preparadas de um profissional dotado de ética e conhecimento para entregá-la à população em um momento onde a propagação de falsas notícias, através das mídias sociais, ganham um espaço considerável e ameaçam a integridade da própria verdade, induzindo uma sociedade ao erro em um momento onde a informação deveria, através dos preceitos basilares do jornalismo, ser aliada à saúde e governo para conduzi-los no combate ao vírus.

Para Varão; e Ferreira (2020), o jornalismo precisou unir-se e reafirmar seu compromisso com a sociedade, assumindo o papel pela entrega da transparência que, em teoria, era de responsabilidade governamental, uma vez que cabe ao Ministério da Saúde do país divulgar dos dados cotidianos sobre a

evolução e o combate à doença, mas que, por razões questionáveis, deixou de comunicar os dados em junho de 2020. À época, na contramão da transparência, o portal do Ministério da Saúde parou de divulgar o total de casos e total de óbitos no Brasil, além de passar a publicar o boletim diário após as 22 horas. Segundo o Ministério da Saúde, a decisão foi tomada para evitar a subnotificação de casos. No entanto, o presidente da república, em declaração, comentou o caso afirmando "acabou matéria no Jornal Nacional", dando a entender que a decisão foi deliberadamente tomada para prejudicar a publicação dos dados por parte da imprensa.¹²

Em razão da diminuição da transparência do Ministério da Saúde junto à sociedade, foi formado um consórcio de empresas jornalísticas (*O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *G1* e *UOL*) para divulgar os dados diários da Covid-19 logo após a página do ministério deixar de divulgar os números acumulados diários da pandemia. (VARÃO; FERREIRA, 2020, p. 374).

Os autores consideram que a disseminação da *fake news* é tão grave quando a disseminação do próprio vírus, e certamente trará danos irreparáveis à saúde e à vida das pessoas. As disputas políticas ligadas às narrativas sobre a pandemia também são fatores que geram ainda mais instabilidade e aumentam a insegurança de informação para a população, e ocorrem em um momento em que as disputas ideológicas ganham maior protagonismo do que o próprio debate sobre o vírus, retórica reforçada pelo presidente da república através redes sociais (VARÃO; FERREIRA, 2020).

Por outro lado, o jornalismo tende a ganhar força como fonte segura de informação em meio à crescente onda de *fake news* e pós verdade. Segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto Kantar, em março de 2020, a audiência do jornalismo televisivo aumentou em 26%. Outra pesquisa realizada pelo Datafolha apontou que programas jornalísticos possuem maior credibilidade nas informações sobre a pandemia; apenas 12% dos entrevistados dizem confiar em informações compartilhadas pelo *WhatsApp*.

Porcello e; Brites (2018), afirmam que embora a *fake news* seja adversa

¹² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/governo-deixa-de-informar-total-de-mortes-e-casos-de-covid-19-bolsonaro-diz-que-e-melhor-para-o-brasil.shtml?origin=folha>

ao jornalismo e tenha descentralizado o seu papel nos últimos anos, ela também reforça a necessidade do profissional capacitado para buscar a informação coesa e factual comprobatória, e entregá-la à sociedade. Nesse sentido, o jornalismo continua sendo considerado pela sociedade como uma fonte segura de informação, especialmente relevante em períodos de crise e instabilidade entre os poderes.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Este trabalho consiste na produção de videodocumentário sobre a atuação do profissional jornalista durante a pandemia de SARS-CoV-2, vírus causador de Síndrome Respiratória Aguda Grave (Covid-19), em Francisco Beltrão. Para tanto, o documentário entrevistou quatro profissionais de jornalismo que estiveram tanto na linha de frente da informação, quanto nos bastidores, durante a pandemia em Francisco Beltrão: Leandro Czerniaski, Jornal de Beltrão; Isadora Stenzler, Jornal de Beltrão; Rafael Júnior, Ação TV; e Gil Veiga, Rádio Educadora. O objetivo foi compreender as principais mudanças e dificuldades que esses profissionais enfrentaram durante o exercício da função durante este período.

Para além da iminente discussão relacionada a questão sanitária e de saúde, pretendeu-se aprofundar, neste videodocumentário, os possíveis efeitos causados pela *fake news* na sociedade beltronense neste período; os efeitos das decisões políticas populistas com relação à segurança e informação para a sociedade; assim como a valorização ou desvalorização do jornalismo como fonte confiável de informação para os cidadãos, além do debate sobre a importância da atuação do jornalismo regional. É importante salientar que, apesar da principal questão abordada neste videodocumentário ser a atuação do profissional jornalista durante a pandemia em Francisco Beltrão, é indissociável a discussão sobre os efeitos causados pela *fake news* sobre o próprio fazer jornalístico.

O documentário teve como objetivo entrevistar jornalistas que atuam no jornal impresso, rádio e televisão. Foi realizada uma abordagem progressiva com cada um deles, montando uma linha do tempo desde o início da pandemia até a chegada das vacinas, visando compreender como era o cotidiano deste profissional antes de pandemia e após sua chegada. Além de informativa, a narrativa também priorizou uma abordagem mais humana destes profissionais no com o objetivo de aproximar o público do jornalista nos bastidores da notícia, a fim de que este público conheça tais desafios enfrentados pelo jornalismo para continuar levando a informação à população.

5.1 FORMATO

O videodocumentário foi o formato selecionado para este trabalho por sua linguagem cinematográfica capaz de conduzir o receptor da mensagem por meio da força e relevância da própria imagem. Como o objetivo principal é advogar em prol do jornalismo e seus profissionais, assim como demonstrar a importância destes profissionais capacitados para a saúde sanitária e democrática de uma sociedade, a imagem reflete expressões faciais dos entrevistados para dar proximidade e profundidade entre a história que é contada aos espectadores. Este formato permite a liberdade de edição na montagem da história apurada, criando uma linha temporal didática ao receptor, pois também foi possível estabelecer um resgate histórico com inserção de imagens do fato, além das próprias entrevistas.

No documentário, pretendeu-se realizar abordagem observativa e reflexiva, no objetivo de trazer os fatos sem interferência ou interação com o meio que é observado, ao mesmo tempo em que se deu voz aos atores sociais através de suas experiências e histórias. Apesar de adotar uma postura ativa em uma narrativa, advogando em uma causa definida, não há intenção de intervir nesta realidade. O objetivo foi conduzir o receptor da mensagem através dos fatos narrados, conquistando sua confiança e atenção. Neste sentido, a edição foi feita para que cada jornalista entrevistado desse o tom e o rumo do diálogo, apresentando, conseqüentemente, todo o tema sem a necessidade da intervenção do entrevistador. Este tipo de abordagem tem por objetivo proporcionar uma maior imersão ao espectador. As entrevistas realizadas com jornalistas do Jornal de Beltrão, Rádio Educadora e Ação TV, que estiveram na linha de frente da informação durante a pandemia em Francisco Beltrão, remontam todo o histórico desde o primeiro caso confirmado no município.

Isadora Stentzler, pelo Jornal de Beltrão, atuou em diversos momentos relevantes no cumprimento da cobertura jornalística e relevância social como a apuração cotidiana sobre número de casos e óbitos; visitas à 8ª Regional de Saúde para apuração sobre superlotação dos leitos; chegada das vacinas em Francisco Beltrão; visitas às áreas de proteção indígenas para cobrir a situação de saúde local. Ela relatou as dificuldades nas mudanças da rotina da redação, e como a falta de preparo, até pela circunstância inesperada, causou dificuldades para

transformar sua residência em seu ambiente profissional, em muitos momentos sem as ferramentas e o suporte adequado para fazê-lo. Também relatou os danos psicológicos causados na apuração diária dos boletins epidemiológicos, e a dificuldade em retratar essa realidade, transformando-a em notícia para a sociedade.

Leandro Czerniaski, também pelo Jornal de Beltrão, atuou diretamente com a atualização cotidiana dos dados de saúde no município. Não adaptado ao modelo *home office*, disse como foi conflitante o modelo de fazer jornalismo de casa e que, mesmo com os riscos, saiu às ruas para cobrir o fechamento do município na véspera e no primeiro dia de *Lock Down*. Cobriu também a visita do presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, em junho de 2020, na região do sudoeste paranaense, momento em que a questão político-ideológica já subvertia a própria realidade da pandemia. Relatou ter sido hostilizado como repórter pelos apoiadores do presidente, e como isso o afetou por muitos meses. Durante a entrevista, disse não saber se conseguirá persistir no jornalismo por muito mais tempo, e que já busca meios para transicionar a profissão para outra área.

Rafael Júnior atuou no comando do Jornal Primeira Mão, pela Ação TV, onde apresentava um programa diário de informação; em março de 2020, cobriu a reunião da Amsop, Associação dos Municípios do Sudoeste do Paraná, que determinou o *Lock Down* em toda a região Sudoeste do Paraná.

Gil Veiga, atuou como repórter de rua pela Rádio Educadora, e acompanhou os principais momentos de mudanças sociais e comportamentais da sociedade beltronense; cobriu pessoalmente a chegada das vacinas.

Para expor adequadamente este longo período enfrentado pelo município, mantendo o cuidado de apresentar cada ponto importante com o devido embasamento, o videodocumentário atingiu 28 minutos de duração.

5.2 PRODUÇÃO

A produção deste documentário ocorreu em março e abril de 2022. Três entrevistas foram realizadas presencialmente, e apenas uma foi feita através do Zoom, devido à distância da jornalista Isadora Stenzler, que havia se mudado para São Paulo.

O jornalista Leandro Czerniaski foi entrevistado no dia 18 de março, no ambiente da gráfica do Jornal de Beltrão. O ambiente foi escolhido pelo entrevistado por ser representativo ao jornal impresso que ele atua, e daria um aspecto interessante visualmente. A entrevista foi cedida entre 15h e 16h.

O jornalista Rafael Júnior foi entrevistado no dia 21 de março, também nas imediações do Jornal de Beltrão, pois, à época, além de trabalhar na Ação TV, fazia parte do quadro de funcionários também do Jornal de Beltrão, e foi onde ele sentiu-se mais à vontade, além da abertura de agenda que ocorreu naquele dia. A entrevista foi cedida entre 17h30 e 18h30.

O jornalista Gil Veiga foi entrevistado no dia 24 de março, em sua sala, na Rádio Educadora. O ambiente também foi escolhido pelo jornalista pela praticidade, pois o único momento livre em sua agenda seria no horário de intervalo. A entrevista foi cedida entre 12h30 e 13h45.

A jornalista Isadora Stentzler foi entrevistada no 26 de março. A entrevista teve de ser realizada através da ferramenta de reuniões remotas, o Zoom, pois a jornalista havia se mudado de Francisco Beltrão para atuar pelo Correio Popular, em Campinas, São Paulo. A entrevista foi cedida entre 16h e 17h15.

Para as entrevistas que ocorreram presencialmente, foram utilizados, para realizar as filmagens, uma Câmera DSLR 80D, da Canon; uma lente Cannon 50 milímetros 1.4; e um microfone de captação lapela da Rode SMARTLAV+ A escolha pelo uso da lente 50 milímetros, utilizando o enquadramento plano médio, foi em função da clareza da mesma e a capacidade em manter o foco no entrevistado, ao mesmo tempo em que o ambiente ao seu redor permanece ali, mas sem tanto destaque, utilizando entre 2.0 e 2.8 para gerar o desfoque desejado.

Entre 28 de março e 8 de abril, também foram realizadas tomadas externas da cidade de Francisco Beltrão com o objetivo de ambientar o espectador no local central em que se passa o vídeodocumentário. Os locais utilizados para as filmagens foram a vista panorâmica do Aeroporto Municipal e a Praça Eduardo Virmond Suplicy, no centro da cidade. Através dos enquadramentos Plano Geral e Plano de Conjunto, pretendeu-se criar uma perspectiva do movimento urbano e o fluxo de pessoas que circulam cotidianamente por ali, além de ser um ambiente facilmente reconhecido tanto por residentes de Francisco Beltrão quanto por

peessoas de diversas cidades do sudoeste paranaense. No dia 21 de março de 2020, um sábado pela manhã, foram realizadas imagens, também nesta área central, do primeiro dia de *Lock Down* no município. O sábado, comumente, é um dia com um fluxo muito alto de pessoas. As imagens foram usadas para criar um contraste entre a vida normal dos cidadãos e a situação de isolamento social. Para essas filmagens, foram utilizadas uma lente Sigma 18-200 milímetros 3.5/6.3, uma lente Canon 24 milímetros 2.8, e uma lente Canon 10-18 milímetros 4.5-5.6.

5.3 ROTEIRO

Entre os dias 28 de março e 3 de abril, foram realizadas a transcrição das quatro entrevistas, utilizando as ferramentas VoiceMeeter e Voice Dictation. Mesmo com o auxílio destes programas, foi necessário fazer toda a revisão dos textos, que continham muito erros ortográficos e palavras sem conexão com o que havia sido dito nas entrevistas, além de ser necessário inserir o minuto de cada fala para otimizar o tempo de montagem do roteiro. Realizar as transcrições proporcionou um maior controle sob o que deveria entrar e de que maneira poderia ser apresentado no videodocumentário, além de facilitar as conexões das falas entre os entrevistados, aumentando o dinamismo no corte do filme.

Como o documentário tem por objetivo central relatar a atuação do jornalista na pandemia, o roteiro foi criado de maneira linear a partir da pesquisa documental e das entrevistas realizadas, mantendo uma ordem cronológica para situar o espectador nas principais mudanças que foram acontecendo. Com isto, o roteiro norteia quatro principais pontos: o momento antes da chega do vírus em Francisco Beltrão, a chegada do vírus e as principais mudanças, as eleições municipais e o agravamento dos casos, e a chegada das vacinas. Tendo em vista que o município enfrentou três ondas graves de contágio durante a pandemia, uma sendo após a chegada das vacinas, optou-se, nesta última onda, apenas em informar resumidamente a fim de não quebrar a linearidade e dinamismo do documentário, uma vez que os casos diminuem drasticamente após a vacinação em massa.

5.4 PÓS-PRODUÇÃO

A pós-produção ocorreu entre os dias 11 e 29 de abril. O programa utilizado para a montagem do vídeodocumentário foi o Adobe Premiere. A montagem foi feita a partir do roteiro final preestabelecendo, inserindo as principais falas das entrevistas.

Também foram inseridas imagens da atuação da imprensa local sobre os principais aspectos e acontecimentos da pandemia em Francisco Beltrão como forma de corroborar com a narrativa e acrescentar informação temporal ao espectador.

Para a trilha sonora, optou-se em utilizar a obra do compositor sueco Scott Buckley. A razão pela escolha deste compositor foi por dois motivos: manter a linearidade do visual com o musical, escolhendo trilhas que se adequassem ao tema proposto e mantivessem uma coerência e continuidade ao longo de toda a obra; o autor faz parte da *Audio Library*, a biblioteca gratuita de músicas e trilhas do *Youtube*, além de ter um canal próprio onde disponibiliza diversos de seus trabalhos, muitos de forma temática, gratuitamente. E, dentre os diversos autores pesquisados, este foi o único que se adequou ao propósito deste documentário.

A trilha sonora, ou a ausência dela, são componentes importantíssimos para a construção de uma narrativa coerente e auxiliam na profundidade do que se propõe em cada cena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este videodocumentário empenhou-se em relatar as histórias pessoais de profissionais que lidaram diretamente com os desafios de informar a população durante um período de pandemia, demonstrando as drásticas e repentinas mudanças que esses profissionais enfrentaram em seu cotidiano. Ainda que de maneira individual à percepção subjetiva de cada jornalista entrevistado, buscou-se narrar os fatos ocorridos em Francisco Beltrão em todo este recorte histórico, demonstrando, por intermédio das entrevistas, os processos de mudanças sociais e comportamentais não apenas para o jornalismo, mas na sociedade beltronense.

Também foi intenção deste documentário relatar o momento delicado enfrentado pelo jornalismo, que vem sendo atacado por forças político-ideológicas por meio de *Fake News*, algo que dificultou o trabalho dos profissionais durante este período de crise sanitária e exigiu do jornalismo a necessidade de reafirmar-se como fonte segura e qualificada de informação, atuando, mais uma vez, como uma força de vigilância para a saúde da democracia e da sociedade como um todo. A sensibilização proposital dos jornalistas entrevistados visou apresentar ao espectador o ser humano por trás da notícia, seus medos e receios em estar na linha de frente de uma crise sanitária para realizar a íntegra apuração dos fatos.

Sobretudo, é importante salientar as dificuldades encontradas na pesquisa documental deste trabalho, mesmo com todo os recursos disponíveis em buscadores na *internet* e em redes sociais, e mesmo este sendo um tema amplamente abordado durante este escopo temporal de quase dois anos, tanto pela imprensa nacional quando pela imprensa local. Sentiu-se uma grande dificuldade em encontrar documentos, vídeos, fotos e entrevistas realizadas em Francisco Beltrão durante a pandemia, tanto em páginas e sites oficiais, quanto em canais de *YouTube* da própria imprensa local. No âmbito da transparência pública, percebeu-se, por vezes uma falta de organização em informações cruciais como, por exemplo, o boletim epidemiológico, disponibilizado desorganizadamente, ou até mesmo em falta; no âmbito da imprensa local, foi percebida, talvez pelo excesso de trabalho dos profissionais, a má organização das próprias notícias veiculadas

pelo *Youtube*, muitas vezes sem data ou maiores detalhes que, no futuro, caso seja necessário, podem dificultar a pesquisa para compreender a extensão e a gravidade desta crise sanitária, e de que maneira Francisco Beltrão foi impactada por ela.

Nesse sentido, este videodocumentário também visa reforçar a importância da preservação histórica da notícia regional, pois toda a essência da história do município, seja em tempos de paz ou de crise, devem estar, também, sob a vigilância da imprensa local e em sua capacidade de organizar e armazenar todo o acervo histórico com a máxima precisão e assertividade nas informações que ocorreram no passado.

Por fim, este é um trabalho que buscou, a todo o momento, reforçar a perseverança, polivalência e a indispensável necessidade do profissional jornalista.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

AGORA ES. **Ipea: 11% dos trabalhadores fizeram home office ao longo de 2020**. Disponível em: <https://www.agoraes.com.br/noticia/10644/ipea-11-dos-trabalhadores-fizeram-home-office-ao-longo-de-2020>. Acesso em: 01 nov. 2021

CABALLERO, C. L.; MASIP, P. M.; SANZ, J. L. M. ¿Una ética del ciberespacio o una ética en el ciberespacio?: Análisis de códigos de autorregulación de la profesión periodística. **Dialnet - Artículos de revista**, Rioja. p. 509-530, 2006. Disponível em: [Dialnet-UnaEticaDelCiberespacioOUnaEticaEnElCiberespacioAn-2539940.pdf](https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2539940). Acesso em: 16 ago. 2021.

CERCADOS – A Imprensa Contra o Negacionismo. Direção: Caio Cavechini. Produção: Larissa Coelho e Henrique Picarelli. São Paulo: *GloboPlay*, 2020. 1 vídeo (116 min).

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. **Tic Domicílios 2019**. Disponível em: <https://www.cetic.br/pt/arquivos/domicilios/2019/domicilios/#tabelas>. Acesso em: 02 nov. 2021

CORRADINI, André Luiz Delgado. **Princípios do Cinema e Introdução ao Videodocumentário**. 1 ed. Curitiba: InterSaberes, 2019.

DUARTE, J. (2008). **Entrevista em profundidade**. En Duarte, Jorge; Barros, Antonio (Orgs). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. 2ª ed. São Paulo: Atlas.

FAGUNDES, Murilo de Souza Caldas. O front - jornalistas em meio à pandemia: um documentário. 2020. 94 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

FENAJ. **Dossiê Jornalistas Vitimados Pela Covid-19**. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/04/DOSSIE-FENAJ-COVID19_MARCO_2021.pdf. Acesso em 15 nov. 2021.

FIGARO, R. et al. Como trabalham os comunicadores na pandemia da Covid-19? **Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano**, Campinas, EDIÇÃO ESPECIAL – DOSSIÊ COVID-19, p. 1-39, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.33239/rjtdh.v.76>. Acesso em: 15 nov. 2021.

FRANCISCO, J. T. et al. Jornalistas de TV em Pandemia. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) - Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

INSTITUTO DATAFOLHA. **Brasileiros preveem 98 dias para crise causada por Corona**. São Paulo: Datafolha, 2020. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2020/03/23/22cedeee019d1bf3e5e82c889e058b9bhb.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2021

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

OLIVEIRA, H. M. G. de; GADINI, S. **Jornalismo em tempos da pandemia do novo coronavírus**. 1. ed. Aveiro: Ria Editorial, 2020.

PEGORARO, Ivo. A variação de casos e óbitos por Covid em Beltrão. **Jornal de Beltrão**, Francisco Beltrão, 7 ago. 2021. Saúde. Disponível em: <https://www.jornaldebeltroa.com.br/noticia/313635/a-variacao-de-casos-e-obitos-por-covid-em-beltrao>. Acesso em: 7 ago. 2021.

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**. Covilhã: UBI, 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2021.

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário**. Lisboa: Edições Cosmos, 1999.

PORCELLO, F.; BRITTES, F. Verdade x Mentira: A ameaça das fakenews nas eleições de 2018 no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/184434?show=full>. Acesso em: 9 ago. 2021.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo um documentário?** São Paulo, SP: Editora Senac, 2008.

VARÃO, R.; FERREIRA, F. V. Jornalismo como Instância de Confiabilidade de Informações durante a Pandemia da Covid-19. In: OLIVEIRA, H. M. G. de; GADINI, S. **Jornalismo em tempos da pandemia do novo coronavírus**. 1 ec. Aveiro: Ria Editorial, 2020. p. 373-398.

VOGEL, Melissa. A TV em tempos de Covid-19: impactos e mudanças no comportamento da sociedade. **Kantar Ibope Media**, 3 ago. 2021. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/a-tv-em-tempos-de-covid-19-impactos-e-mudancas-no-comportamento-da-sociedade/>. Acesso em: 16 ago. 2021

WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de Massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO PARA OS JORNALISTAS

- 1 – Como era sua rotina de trabalho antes da pandemia?
- 2 – Em novembro de 2019, quando o vírus foi descoberto, imaginou que a pandemia atingiria à proporção que atingiu?
- 3 – Pessoalmente, como foi lidar com a aproximação do vírus, cada vez registrado em cidades próximas? E como profissional?
- 4 – Teve receios sobre a realização da Expobel 2020 e com o número de pessoas circulando em Beltrão (400 mil)?
- 5 – Como profissional, com foi noticiar, ou presenciar, a confirmação do vírus em março de 2020?
- 6 – Qual foi sua reação, ou sentimento, ao ver uma Francisco Beltrão deserta no primeiro dia de LockDown? (Fechamento do comércio, educação, toque de recolher, barreiras nas entradas da cidade).
- 7 – Quais mudanças aconteceram na redação a partir do momento em que a pandemia passou a existir oficialmente na cidade? E as mudanças na sua rotina?
- 8 – Foi contagiado (a) pelo vírus?
- 9 – Os sintomas foram leves ou mais graves?
- 10 – Como se sentiu durante o período de isolamento?
- 11 – Quais medos e receios você teve?
- 12 – Como foi lidar, e informar a população, sobre o aumento significativo de casos entre junho e agosto de 2020? (maio - 19 casos; junho - 112 casos; julho - 336 casos; agosto - 660 casos).
- 13 – Em algum momento, sentiu seu trabalho sendo censurado de alguma forma, seja pelo público ou por entidades?
- 14 – Chegou a ser hostilizado em alguma cobertura sobre a pandemia?
- 15 – Qual sua opinião para o não cancelamento, ou adiamento, das eleições?
- 16 – Acredita que os líderes políticos tenham ignorado os riscos da pandemia e priorizado as eleições?
- 17 – Em 20 de janeiro de 2021, ocorreu a chegada das vacinas em Francisco Beltrão. Como foi cobrir este momento?

18 – Como sentiu a população beltronense com relação à vacina? Houve aceitação ou rejeição? Se sim, atribui isso ao lado ideológico?

19 – Como foi cobrir este período de 2021, o mais grave da pandemia em Beltrão?

20 – Como foi relatar o colapso da saúde no município, com hospitais sem leitos para atender todo os pacientes? (Falar sobre relatos de transferências para outros municípios que podiam comportar os pacientes).

21 – Mesmo neste momento delicado, houve relatos de festas clandestinas, aglomerações em diversas áreas da cidade e no interior. A população entendeu o momento delicado, ou continuava desobedecendo as orientações da saúde?

22 – Como jornalista, qual foi o sentimento de informar o mais grave momento do município e ver cenas como estas?

23 – Pessoalmente e profissionalmente, como foi lidar com o aumento da desinformação e, conseqüentemente, a depreciação da atuação jornalística na informação da pandemia?

24 – A grande quantidade de informação que circula sem a apuração de um profissional capacitado pode dificultar o trabalho do jornalista?

25 – Escutei de um jornalista que “agora está comum bater em jornalista. Todo mundo está nos atacando”, referindo-se aos constantes ataques que a mídia sofreu ao cobrir a pandemia. Você também se sente assim ao fazer o seu trabalho?

26 – Acredita que questões políticas e ideológicas tenham prejudicado o seu trabalho?

27 – Leandro, poderia relatar como foi cobrir a vinda do Presidente Jair Bolsonaro ao Sudoeste Paranaense e a situação de censura que vivenciou?

28 – Como você enxerga a recepção do jornalismo para a sociedade durante a pandemia?

29 – Após esses dois anos de pandemia, como enxerga a importância do jornalismo para a sociedade durante este período?

30 – Como você enxerga a questão ideológica e política para o futuro do jornalismo? Acredita que serão fatores prejudiciais?

31 – Profissionalmente, e pessoalmente, como se sente, neste momento, após todo o trabalho dedicado a informação da pandemia?

32 – Para você, uma palavra que resuma o jornalismo durante a pandemia.

ANEXO B – LINHA DO TEMPO DA PANDEMIA

PRÉ-PANDEMIA

17 de novembro de 2019 – primeiro caso de Covid-19 registrado no mundo, em Wuhan, China.

2 de janeiro de 2020 – primeiro óbito registrado no mundo, em Wuhan, China.

26 de fevereiro de 2020 – primeiro caso de Covid-19 registrado no Brasil, em São Paulo (SP)

12 de março de 2020 – primeiro óbito registrado no Brasil, em São Paulo (SP)

12 de março de 2020 – primeiros casos de covid-19 registrados no Paraná. Cinco em Curitiba; um em Cianorte.

7 a 15 de março de 2020 – 29ª Expobel em Francisco Beltrão. Cerca de 400 mil visitantes.

16 de março de 2020 – Instituições públicas e particulares suspendem atividades no Estado.

27 de março de 2020 – primeiros óbitos registrados no Paraná. Dois casos em Maringá.

19 de março de 2020 – prefeito Cleber Fontana anuncia fechamento do comércio beltronense.

20 de março de 2020 – sábado, geralmente movimentado, amanhece com a cidade vazia.

21 de março de 2020 – Francisco Beltrão adota barreiras nas entradas da cidade.

22 de março de 2020 – Barreiras começam a fiscalizar entrada e saída.

OS PRIMEIROS MOMENTOS DA PANDEMIA EM FRANCISCO BELTRÃO

31 de março 2020 – primeiro caso de Covid-19 em Francisco Beltrão.

28 de abril de 2020 – uso obrigatório de máscara em todo o Paraná.

20 de maio de 2020 – primeiro óbito registrado em Beltrão.

21 de maio de 2020 – restrição de aglomeração de pessoas na principal avenida da cidade.

26 de maio de 2020 – festas clandestinas são registradas na tentativa de burlar Lock Down.

28 de maio de 2020 – aumento do desemprego em Beltrão.

PRIMEIRA ONDA GRAVE DE CASOS

6 de junho de 2020 – Hospital Regional de Francisco Beltrão começa a receber pacientes do Sudoeste e Oeste Paranaense.

30 de junho de 2020 – 112 casos registrados.

30 de julho de 2020 – 326 casos registrados.

30 de agosto de 2020 – 660 casos registrados.

30 de setembro – estabilização da doença; registros mensais voltam a ficar abaixo de 400 casos.

SEGUNDA ONDA GRAVE DE CASOS

15 de novembro – Eleições 2020.

30 de novembro – aumento súbito de casos; 1.651 registrados.

31 de dezembro – 1.600 casos registrados.

20 de janeiro de 2021 – Vacina chega a Beltrão – Isadora Stainer

31 de janeiro – 900 casos registrados.

TERCEIRA ONDA GRAVE DE CASOS

2 de fevereiro de 2021 – retorno das aulas presenciais.

16 de fevereiro de 2021 – carnaval parcialmente cancelado; registros de festas clandestinas.

18 de fevereiro de 2021 – aumento no número de mortes por Covid-19 na região.

30 de março – aumento significativo de casos, óbitos e o colapso da saúde: 2.708.

30 de abril – 1.455 casos registrados.

30 de maio – 1.895 casos registrados.

ANEXO C – PRÉ-ROTEIRO

	ROTEIRO	DATA:28/02/2022
	TÍTULO: “QUARTO PODER EM GUERRA”: VIDEODOCUMENTÁRIO SOBRE O JORNALISTA NA LINHA DE FRENTE DA PANDEMIA DE COVID-19 EM FRANCISCO BELTRÃO	ROTEIRISTA: Jônatas Araújo
	IMAGEM	ÁUDIO
	CENA 1: Plano aberto mostrando a cidade de Francisco Beltrão. Introdução com vista ampla. Mostrar movimentos de carros e pessoas com considerável distância. Imagem aérea por drone.	ÁUDIO 1: Sem trilha sonora. Mostrar quietude distante da cidade. Sons urbanos distantes. Som eleva-se a medida em que a cena foca o movimento da cidade, ainda distante.
	CENA 2: Plano médio. Aproximar-se da cidade e das pessoas. Mostrar o movimento intensificando no centro. Alternar entre ruas e praças. Mercado central. Cotidiano.	ÁUDIO 2: Sem trilha sonora. Sons da cidade e do movimento das pessoas fica mais evidente e próximo. Vozes e ruídos urbanos ao fundo.
	CENA 3: Plano Fechado. Cena foca no movimento das pessoas com mais intensidade e certa agitação. Cortes alternam entre cenas gravadas na cidade e imagens de reportagens de notícias desde a descoberta do coronavírus, agravamento pelo mundo, primeiro caso no Brasil, primeiro caso no Paraná e primeiro caso em Francisco Beltrão.	ÁUDIO 3: Áudio alternará entre os ruídos urbanos e das reportagens.
	CENA 4: Após reportagem sobre primeiro caso em Beltrão, cena alterna para um corte simples para <i>Black Screen</i> . Cena retorna com imagens do primeiro dia da quarentena imposta pela Prefeitura Municipal. Imagem trará os mesmos locais retratados nas primeiras cenas, demonstrando, agora, a quietude anormal no centro urbano.	ÁUDIO 4: Após reportagem sobre primeiro caso em Beltrão, demonstrará o silêncio da cidade vazia. Entra o relato de introdução dos jornalistas entrevistados.

CENA 5: Jornalista Isadora Stentzler (impresso), sua visão dos primeiros momentos do Covid-19. Incertezas, receios, dúvidas, mudanças da rotina profissional.	ÁUDIO 5: Relato de introdução Isadora Stentzler.
CENA 6: Jornalista Leandro Czerniaski (impresso e televisivo), sua visão dos primeiros momentos do Covid-19. Incertezas, receios, dúvidas, mudanças da rotina profissional.	ÁUDIO 6: Relato de introdução Leandro Czerniaski
CENA 7: Jornalista Lucas Maciel (rádio), sua visão dos primeiros momentos do Covid-19. Incertezas, receios, dúvidas, mudanças da rotina profissional.	ÁUDIO 7: Relato de introdução Lucas Maciel.
CENA 8: Entrevista com Jornalista Isadora Stentzler.	ÁUDIO 8:
CENA 9: Entrevista com o Jornalista Leandro Czerniaski.	ÁUDIO 9:
CENA 10: Entrevista com Jornalista Lucas Maciel.	ÁUDIO 10:
CENA 11: Entrevista com Jornalista Rafael Júnior.	ÁUDIO 11:

ANEXO D – ROTEIRO FINAL

	ROTEIRO	DATA: 06/05/2022
	TÍTULO: O Desafio da Verdade	ROTEIRISTA: Jônatas Araújo
ÁUDIO	IMAGEM	
1'14" – “Antes da pandemia eu estava com um programa de jornalismo no Streaming...” Até 01'31”.	Rafael Júnior	
01'31" – “Cara, era tranquilo. A gente chegava por volta das 6h30...” Até 01'52”	Gil Veiga	
01'52" – “Eu, particularmente, sempre preferi ir a campo, no sentido de ir para rua mesmo...” Até 02'01”	Leandro Czerniaski	
02'01" – “Eu cheguei em Francisco Beltrão um pouquinho antes da pandemia começar...” Até 02'22”	Isadora Stenzler	
02'22" – “E aí surgiu a pandemia né...”		
02'23" – “A China está em alerta para um novo vírus que causa forte pneumonia...” Até 02'50”	Gil Veiga	
02'50" – “Nesse momento eu achava que era uma coisa da China, exclusivamente...” Até 03'13”	IMAGEM: recortes de reportagens sobre o surgimento do vírus e o começo da pandemia. Rafael Júnior	
03'13" – “Eu, na esperança, pensei ‘não, não vai ser tanto assim’...” Até 03'13”	Gil Veiga	
03'13" – “Em março, eu acho que foi o momento mais pontual para a gente...” Até 03'30”	Rafael Júnior	
03'30" – “O marco para mim do início da pandemia é quando começa a Expobel” Até 03'34”	Isadora Stenzler	
03'34" – “Tradicionalmente é uma das		

maiores festas do Estado do Paraná...” Até 04’07”	IMAGEM: recortes de reportagens sobre a feira da Expobel em Francisco Beltrão.
04’07” – “Já tinha casos confirmados no Brasil, à época, só que não tinha até nós ainda...” Até 04’21”	Isadora Stenzler
04’21” – “A gente teve uma feira gigantesca aqui na cidade...” 04’33”	Leandro Czerniaski
04’33” – “Inclusive houve, naquela ocasião, um clamor...” Até 04’50”	Rafael Júnior
04’50” – “Eu cheguei a questionar o secretário de Saúde...” Até 05’25”	Isadora Stenzler
05’25” – “Se eu não me engano, foi justo no momento em que a OMS...” Até 05’51”	Leandro Czerniaski
05’51” – “Nós tivemos a questão do show do Bruno e Marrona, que estava gripado...” Até 05’58”	Gil Veiga
05’58” – “A gente tinha o medo que todo mundo tinha, era igual...” Até 06’18”	Rafael Júnior
06’18” – “Logo depois da realização da Expobel...” Até 06’33”	Leandro Czerniaski
06’33” – “Eu me lembro como se fosse hoje, dia 16 de março...” Até 07’41”	Rafael Júnior
07’41” TRILHA SONORA: 'Decoherence' [Ambient Orchestral CC-BY] - Scott Buckley	
07’41” – “Em Francisco Beltrão, alguns acessos foram fechados...” Até 08’19”	
08’19”	IMAGEM: recortes de reportagens sobre o Lock Down em Francisco Beltrão.
08’47” – “Os municípios tomaram uma decisão em conjunto...” Até 09’26”	IMAGEM: registro pessoal do primeiro dia de Lock Down.
09’26” – “Era quase um cenário de guerra sem destruição...” Até 09’40”	Leandro Czerniaski

09'40" – "E de repente há um boato de que em Francisco Beltrão..." Até 10'03"	Rafael Júnior
10'03" – "Eu anunciei ao vivo com o prefeito..." Até 10'22"	Isadora Stenzler
10'22" – "Eu lembro que eu me arrepiei, sabe? Porque..." Até 10'36"	Gil Veiga
10'36" – "E naquele momento ninguém sabia absolutamente nada..." Até 10'50"	Isadora Stenzler
10'50" – "Eu não tinha a mínima ideia do que iria acontecer..." Até 11'00"	Gil Veiga
11'00" – "E aí se tinha uma dúvida, porque nós lidamos com jornal impresso..." Até 11'15"	Isadora Stenzler
11'15" – "Eu chegava em casa, antes de entrar em casa eu já tirava toda aquela a roupa..." Até 11'36"	Leandro Czerniaski
11'36" – "Eu, já no primeiro dia, fui para a rua..." Até 12'17"	Rafael Júnior
12'17" – "Era diferente, né? Porque, trabalhar de casa..." Até 12'48"	Leandro Czerniaski
12'48" – "Nós não paramos aqui na rádio, as emissoras aqui de Beltrão; o Jornalismo em si, ele não parou..." Até 12'59"	Isadora Stenzler
12'59" – "Como a gente tinha um jornal por streaming..." Até 13'12"	Gil Veiga
13'12" – "Eu comecei a acompanhar então todos os casos..." Até 13'38"	Rafael Júnior
13'38" – "E a cada momento, poderia ser que a gente..." Até 13'52"	Isadora Stenzler
13'52" – "Vai começando a subir aquele número, eu lembro que tinha dias..." Até	Gil Veiga

14'12"	
14'12" – "Foi muito assustador, um sentimento de ansiedade..." Até 14'26"	Isadora Stenzler
	Gil Veiga
14'38" – "A câmara dos deputados aprovou hoje..." Até 15'14"	PASSAGEM: ELEIÇÕES 2020 E AGRAVAMENTO DOS CASOS
15'14" – "As eleições são um processo democrático..." Até 15'32"	IMAGEM: recortes de reportagens sobre o as eleições 2020 em Francisco Beltrão.
15'32" – "E naquele momento, analisando, eu pensei..." Até 15'39"	Isadora Stenzler
15'39" – "Mais uma vez a gente tem aquela questão..." Até 15'50"	Gil Veiga
15'50" – "Isso, sim, foi muito desgastante, ainda mais..." Até 16'17"	Leandro Czernaski
16'17" – "E aí a gente tem também o dia da eleição..." Até 16'39"	Isadora Stenzler
16'39" – "Inclusive candidatos que tinham no seu discurso o 'fique em casa'..." Até 16'49"	Leandro Czerniaski
16'49" – "Eu imagino que o administrador toma as decisões baseado nos números do momento..." Até 17'15"	Isadora Stenzler
17'15" – "Mas eu acredito que deveria ter sido pensado de uma maneira diferente..." Até 17'44"	Rafael Júnior
17'44" – "Então não é só a classe política, mas também a classe da justiça..." Até 18'03"	Gil Veiga
18'04" – "Francisco Beltrão contabiliza uma morte e 182 novos casos..." Até 18'24"	Rafael Júnior
18'24" – "Eu vou então para a UTI do	IMAGEM: recortes de reportagens

Hospital Regional do Sudoeste..." Até 18'49"	sobre o agravamento dos casos entre novembro de 2020 e janeiro de 2021.
18'49" – "Toda estatística é uma história, né?..." Até 19'13"	Isadora Stenzler
19'13" – "Eu lembro que eu conversei com uma menina..." Até 19'51"	Leandro Czerniaski
19'51" – "Você tem o presidente indo na TV e falando..." Até 20'06"	Isadora Stenzler
20'06" - "De repente, nós que estávamos informando éramos os alvos..." Até 20'16"	Leandro Czerniaski
20'16" – "Áudios de WhatsApp são mais confiáveis, às vezes para algumas pessoas..." Até 20'28"	Isadora Stenzler
20'28" – "Então era muito cruel ver isso, porque..." Até 20'50"	Gil Veiga
20'50" – "E as pessoas acabam denegrindo a imagem do jornalista, porque..." Até 21'12"	Isadora Stenzler
21'12" – "A informação verdadeira do Jornalismo sendo colocada em cheque..." Até 21'21"	Gil Veiga
21'21" – "E aí a gente fica nesse cenário complicado..." Até 22'00"	Isadora Stenzler
	Leandro Czerniaski
22'25" – "Quando a vacina chegou, eu queria ser a jornalista..." Até 22'33"	PASSAGEM: Chegada das vacinas em Francisco Beltrão.
22'33" até 22'43"	Isadora Stenzler
22'43" – "Era 19h..." Até 22'46"	
22'46" até 22'54"	IMAGEM: filmagem da assessoria da prefeitura sobre a chegada das

22'54" – "Eu lembro que a gente cansou bastante naquele dia..." Até 23'03"	vacinas em Francisco Beltrão.
23'03" – "Secretário de Saúde aqui do município..." Até 23'15"	Gil Veiga
23'15" até 23'26"	IMAGEM: filmagem da assessoria da prefeitura.
23'26" – "Para mim foi um momento histórico..." Até 23'31"	Isadora Stenzler
23'31" – "E você vê aquilo, filmando, tirando foto..." Até 23'44"	Gil Veiga
23'44" - "A gente não imaginava, talvez, que seria tão rápido..." Até 23'46"	IMAGEM: filmagem da assessoria da prefeitura sobre a chegada das vacinas em Francisco Beltrão.
23'46" até 24'15"	Isadora Stenzler
24'15" – "Dois dias depois da primeira dose ser aplicada no Brasil..." Até 24'25"	Gil Veiga
24'25" – "Antes você não tinha para onde correr, você não tinha um remédio..." Até 24'42"	Leandro Czerniaski
24'42" até 24'47"	IMAGEM: filmagem da assessoria da prefeitura sobre a chegada das vacinas em Francisco Beltrão.
24'47" – "Seis pessoas sentadas em um semicírculo recebendo a primeira dose..." Até 24'56"	Gil Veiga
24'56" até 25'04"	Isadora Stenzler
25'04" – "Eu participo então dele, volto para a redação..." Até 25'09"	IMAGEM: filmagem da assessoria da prefeitura sobre a chegada das vacinas em Francisco Beltrão.
25'09" – "Foi um sentimento, assim, maravilhoso..." Até 25'21"	Gil Veiga
	IMAGEM: filmagem da assessoria da

25'21" – “Quando vem a vacina para Beltrão, e acho que para o Brasil inteiro...” Até 25'38"	prefeitura sobre a chegada das vacinas em Francisco Beltrão. Isadora Stenzler Gil Veiga Rafael Júnior
26'04" – “Eu sei que eu fiz o meu trabalho, eu sei que eu cumpri...” Até 26'11"	PASSAGEM: encerramento e estatísticas da pandemia em Francisco Beltrão.
26'11" – “Então, a importância do jornalismo, do jornalista...” Até 26'24"	
26'24" – “Que bom que a gente está conseguindo virar essa página aqui, conversando...” Até 26'31"	Isadora Stenzler
26'31" – “E aí o jornalismo está vivendo esse momento na pandemia...” Até 26'52"	Gil Veiga Rafael Júnior Leandro Czerniaski ENCERRAMENTO